

## **Estratégias Utilizadas por Crianças, Adolescentes e Adultos na Resolução de Problemas Cognitivos: um Estudo da EJA**

Mônica Farinaccio (dissertação de mestrado em Educação, núcleo temático de Alfabetização, apresentada ao Instituto de Biociências do Campus de Rio Claro, Universidade Estadual Paulista “Julio de Mesquita Filho”, em março de 2006, sob a orientação da Profª Drª Dair Aily Franco de Camargo

A preocupação com a educação de Jovens e Adultos no Brasil não é nova. Começou no período colonial, com os jesuítas e está presente no cenário nacional até os dias de hoje. A educação para os jovens e adultos sempre foi uma garantia dos cidadãos, desde a nossa primeira Constituição, mas sempre teve caráter político e ficou renegada aos mais pobres. Já a educação básica sempre foi entendida como direito das crianças, ficando os recursos do governo voltados para esse fim, conseqüentemente os cursos de formação de educadores, sejam universidades ou outras instituições, raramente estão voltadas para o ensino do adulto, sendo a criança o alvo principal.

A pequena atenção dedicada aos estudos relativos ao desenvolvimento cognitivo pós-adolescência pode estar relacionada à concepção do desenvolvimento cognitivo do adulto como algo estagnado, um período em que já não ocorrem mudanças ou evoluções. Pouca literatura é dedicada a essa fase, como se o desenvolvimento dos processos psicológicos se encerrasse na adolescência e os anos vindouros fossem resultados dos desenvolvimentos apresentados até então. Alguns autores não negam que ocorram mudanças cognitivas nos adultos, mas não acreditam que essas experiências possam introduzir mudanças evolutivas suficientes para se falar de uma nova fase do desenvolvimento.

Os psicólogos evolutivos têm demonstrado interesse em investigar os processos psicológicos após a adolescência, atentando para essas questões e procurando entender o que acontece cognitivamente nessa etapa da vida. Segundo Palácios

(1995, p. 313) “o desenvolvimento psicológico é um processo que dura toda a vida”.

Partimos do ponto de que é preciso conhecer, pelo menos em parte, não só o que esse adulto pensa, mas como ele pensa. Preocupa-nos não possuir subsídios para entender como esse adulto processa as informações que recebe, ou o que falta para que ele consiga atingir outros níveis de conhecimento.

Portanto, conscientes das dificuldades enfrentadas pelos jovens e adultos nas classes de alfabetização, optamos pela realização de um trabalho piagetiano que pudesse auxiliar os profissionais dessa modalidade de ensino, possibilitando também uma maior reflexão sobre a influência da escolarização no desenvolvimento cognitivo.

### **Objetivos**

Os objetivos do presente trabalho foram: buscar compreender, utilizando-se de provas piagetianas e da apresentação de problemas relativos à leitura de imagem, cálculo de distância e interpretação de fábula, quais estratégias e artifícios crianças, adolescentes e adultos pouco escolarizados utilizam para equacionar os problemas que lhes são propostos; comparar os dados coletados entre estes três grupos distintos e analisar se as diferenças entre eles são significativas para resolver tais problemas.

### **Metodologia e Desenvolvimento**

A coleta de dados foi realizada nas escolas, nos meses de maio a novembro de 2004. Participaram do presente estudo três grupos distintos que foram escolhidos com a intenção de abranger três estádios distintos de desenvolvimento.

O primeiro foi formado por oito crianças de uma pré-escola de Rio Claro, cujas idades variam de cinco a sete anos, sendo três meninos e cinco meninas. O segundo grupo foi formado por dez adolescentes, com idades de onze a quatorze anos, sendo cinco garotos e cinco garotas que freqüentavam as aulas do ensino regular (6ª, 7ª e 8ª) em diferentes escolas da cidade de Rio Mônica Farinaccio. Estratégias utilizadas por crianças, adolescentes e adultos...

Claro. A escolha deste grupo deu-se em função do objetivo que era o de comparar a evolução dos resultados não de um grupo homogêneo, mas pertencentes a estádios cognitivos distintos.

O terceiro grupo foi formado por dezessete Jovens e Adultos, de ambos os sexos, cujas idades variam de vinte e três a cinquenta e um anos e que freqüentavam as classes de alfabetização.

Foram realizados encontros individuais com cada um dos sujeitos. No primeiro encontro foi aplicada uma série de provas piagetianas e no segundo, foram apresentados aos sujeitos dos três grupos, individualmente e de forma idêntica, três problemas, a fim de verificar as estratégias utilizadas para resolvê-los e o nível de abstração dos sujeitos.

### Problemas apresentados

#### Problema 1 – **Leitura de imagem**

Uma propaganda de carro era apresentada a cada um dos sujeitos para que fosse observada. Em seguida dizíamos: *Fale para mim o que você acha que está acontecendo nesta cena.*

Todas as narrações eram gravadas e posteriormente, transcritas.

#### Problema 2 – **Cálculo de distância**

No local da atividade havia uma lousa em que era desenhada uma casa (que representava a casa do sujeito), um caminho tortuoso e um prédio que poderia representar o local de trabalho ou a escola onde estudavam. Apresentado o desenho, era então feita a seguinte pergunta:

*Como você faria para medir essa distância da sua casa até o seu trabalho (escola)? Como você poderia medir esse caminho?*

Após o registro da resposta, era feita uma nova pergunta transferindo o problema para a vida real, com a intenção de observarmos se as respostas seriam mais precisas uma vez que poderiam utilizar-se de suas experiência para respondê-las.

*E se fosse na vida real (de verdade), como você faria para medir a distância da sua casa até o local de trabalho (ou escola, no caso das crianças)?*

EDUCAÇÃO: Teoria e Prática – V.14, nº 26, jan.-jun.-2006, p.207-212.

### Problema 3 - **Interpretação de fábula**

A fábula de Esopo, *A cegonha e a raposa*, era lida pela pesquisadora para cada um dos pesquisados em voz audível e pausadamente. Em seguida era feita a seguinte pergunta:

*O que é que você entendeu dessa fábula?*

Os alunos respondiam e as respostas eram gravadas. Sucedia-se, então, um pequeno questionamento sobre o texto.

### Conclusões

Ao final deste trabalho, uma primeira constatação que se pode fazer é a de que é baixo o nível cognitivo dos alunos da EJA. A maioria desses alunos, não se encontra no estágio das operações formais.

O alcance ao pensamento formal por alguns deles também não garantiu respostas satisfatórias ao que foi perguntado. Pode-se inferir a partir dessa constatação, que apesar do estágio alcançado talvez falte a esses adultos um auxílio geralmente dado por intermédio da escola, na passagem mais elaborada de um pensamento real e concreto para um pensamento abstrato e formal.

Verificamos também que em diversas situações as respostas dadas pelos sujeitos adultos alvos desta pesquisa, se assemelhavam às respostas dadas pelas crianças, embora estivessem em diferentes níveis cognitivos de desenvolvimento sendo os adultos mais suscetíveis à influência das experiências.

O fato de adultos e crianças apresentarem alguns comportamentos semelhantes não pode ser justificativa para que se tomem “atitudes pedagógicas” que levem a infantilização no tratamento dos adultos e na utilização de técnicas e recursos didáticos transpostos de uma faixa etária para a outra.

Outra consideração que fazemos, conforme os dados obtidos, é que muitas vezes a escola oferece aos alunos, jovens e adultos, aquilo que eles não estão preparados para receber, ou seja, ainda não desenvolveram estruturas para tal. Nivelamos o ensino e desconsideramos as diferenças e limitações desses alunos. Consideramos apenas suas idades entendendo que estão Mônica Farinaccio. Estratégias utilizadas por crianças, adolescentes e adultos...

prontos para aprender, mas vimos que nem todos os adultos encontram-se no estágio das operações formais. Assim, ser adulto não significa pensar formalmente, o que implica numa subsequente impossibilidade de resolver problemas que exijam tais estruturas. É preciso pensar em conteúdos pedagógicos adequados às capacidades reais desses alunos.

Ao compararmos os resultados apresentados pelos três grupos vimos que o grupo de adolescentes se sobressaiu em relação aos demais nas atividades que exigiam predominantemente abstração. Assim sendo, consideramos que a escola, ao longo do tempo, mesmo não tendo desempenhado eficientemente seu papel, contribuiu para esse resultado, pois os sujeitos que a freqüentaram por um período mais longo, (neste caso, os adolescentes), demonstraram melhor desempenho cognitivo na resolução dos problemas.

O modo de realizar tarefas escolares é específico da escola e aprendido em seu interior. É necessário considerar que um adulto com pouca escolaridade há muito tempo não tem contato com conteúdos acadêmicos, não possui hábitos de leitura, pouco escreve e, portanto, está distante dos instrumentos escolares. Se dissermos que eles não aprendem, temos que nos lembrar de que estamos falando de conteúdos escolares e não de atividades do seu dia a dia, pois os adultos, embora não tenham resolvido com eficiência os problemas propostos, provavelmente o fazem em outras esferas da vida.

Talvez falte aos sujeitos uma orientação quanto ao tratamento das informações que recebem, ou seja, estabelecer relações entre os significantes de modo a produzir significados. O professor tem um papel fundamental ao fazer o elo entre essas duas situações. Se os alunos forem capazes de explicar o que fizeram, porque fizeram e o que farão com o que fizeram, serão capazes de apropriar-se do mecanismo da sua própria ação, mas essas apropriações somente serão possíveis se os professores possibilitarem uma ação de segunda potência, ou seja, a descrição pelo aluno da tarefa prática que realizou, mas agora usando

apenas processos internos, isto é, fazendo uso de seus esquemas e da abstração, tanto empírica como reflexionante.

Os conteúdos escolares, embora exijam abstração, são em geral desenvolvidos em atividades de memorização ou atividades que exigem abstração apenas em um primeiro patamar. O que predomina hoje nas classes de jovens e adultos, é do tipo conteudista, que preza mais o acúmulo de informações do que o aprender a pensar.

Muitas vezes este ensino tem sido camuflado com novas propostas pedagógicas, preservando-se na essência, tradicional. O que ocorre então com esse aluno desfavorecido pelo meio e pelas oportunidades educacionais da escola é que, ao invés de serem respeitadas sua realidade e suas diferenças (cognitivas e sociais), esse ensino favorece a poucos e deixa muitos marginalizados dentro da sala de aula, levando-os ao pouco aproveitamento ou mesmo à evasão escolar.

Pode-se então constatar que, além da falta de estruturas necessárias para os alunos assimilarem adequadamente determinados conteúdos, falta também ao professor certo discernimento que lhe permita vislumbrar as dificuldades dos adultos e procurar meios para superá-las.

**Palavras – chave:** 1.Cognição. 2. Desenvolvimento cognitivo. 3. Jovens e adultos. 4. Piaget, Jean. 5. Educação de jovens e adultos.